

COMITÊ DE PROPAGANDA DA RECC NO PIAUÍ

# CADERNOS

## DE COMBATE ESTUDANTIL



**INTRODUÇÃO..... 03**

**COMUNICADOS**

<b>N.01: A conjuntura e as tarefas do Movimento Estudantil.....</b>	<b>04</b>
<b>N.02: A Falsa Polarização e as Consequências para o Movimento Estudantil.....</b>	<b>07</b>
<b>N.03: Construir a Greve Geral Estudantil na UESPI! .....</b>	<b>09</b>
<b>N.04: Construir o Movimento Estudantil Classista e Combativo nas particulares!.....</b>	<b>12</b>
<b>N.05: O que muda no Movimento Estudantil com Temer na presidência?.....</b>	<b>14</b>
<b>N.06: UFPI-Parnaíba - Por um Coletivo de Curso na Psicologia! .....</b>	<b>16</b>
<b>N.07: Porque não participaremos da "Escola de Formação Política" em Parnaíba.....</b>	<b>17</b>
<b>N.08: Construir um Coletivo de Curso na História/UESPI-Parnaíba!.....</b>	<b>18</b>
<b>N.09: Há vida além das eleições ao D.A. da UFPI/PHB.....</b>	<b>19</b>

**BOLETINS**

<b>Apresentação .....</b>	<b>21</b>
<b>O que é a RECC? .....</b>	<b>22</b>
<b>O que é o FOB?.....</b>	<b>23</b>
<b>Não Vote, Lute!.....</b>	<b>24</b>
<b>As lições da Greve na UESPI .....</b>	<b>25</b>
<b>Pela Reforma do CEEP em Parnaíba!.....</b>	<b>26</b>

**PROPAGANDA ONLINE**

<b>52 do Golpe Civil-Militar contra o povo brasileiro .....</b>	<b>27</b>
<b>Como participar do Comitê de Propaganda da RECC no Piauí? .....</b>	<b>28</b>
<b>Nota do CP/RECC-PI de Teresina .....</b>	<b>29</b>
<b>10 Razões para ingressar na RECC .....</b>	<b>30</b>
<b>05 passos para construir um Comitê de Propaganda da RECC em seu local de estudo ou cidade.....</b>	<b>31</b>

# INTRODUÇÃO

É com muita honra que nós do Comitê de propaganda da Rede Estudantil Classista e Combativa no Piauí lançamos nossa primeira cartilha, Os “*Cadernos de Combate Estudantil*”. Nossa ideia é que esta cartilha seja uma publicação anual, tratando de organizar nossa produção teórica ao longo do ano. Mas não somente isso: É uma forma de demonstrar como aplicamos nossa linha política nas várias lutas que travamos ao longo do tempo.

Foi em Teresina que diversos militantes do Movimento Estudantil, ao estudar exaustivamente o programa de diversas organizações de juventude, perceberam uma falha: Quase todas elas tinham a linha política ditada por um partido eleitoreiro. Isso significa que suas ações tem por finalidade aumentar quantitativamente a organização política que a dirige diretamente, para transformar lutas em votos. Nesses estudos, encontramos a Rede Estudantil Classista e Combativa, que sintetizou nossas críticas através do *Parlamentarismo Estudantil*, e que vinha desde a sua fundação mantendo coerência com a causa do povo. Foi então que decidimos tornar a teoria em prática, na construção do Comitê de Propaganda da RECC no Piauí.

Em um ano, realizamos diversas formações políticas, com o intuito de tanto ajudar na reorganização do movimento estudantil piauiense, quanto criar militantes disciplinados, coesos, e capazes de interpretar a realidade de acordo com a linha política da RECC. E assim, depois de pouco mais de 10 meses, seguimos o trajeto traçado: Direcionar nossas forças para fortalecer as bases estudantis em escolas e universidades, criticar profundamente as organizações que usam da estratégia do parlamentarismo estudantil, e direcionar as forças autônomas e classistas para uma organização. Nosso balanço é que decisão melhor não poderia ter sido tomada. Em nosso pouco tempo de vida, seguimos gerando respeito e referência de luta organizada entre as bases independentes, e temor entre os inimigos do povo.

O ano de 2017 se aproxima, e junto dele, o avanço cada vez mais violento do Ajuste Fiscal, tanto a nível federal pelas mãos do governo Temer/PMDB (uma continuidade das políticas de austeridade do governo Dilma/PT), e a nível estadual, através do governo Wellington Dias/PT. Sabemos que a batalha no campo da luta de classes seguirá continuamente, e por isso, continuaremos nossa missão de organizar as bases de forma independente, fazendo no Movimento Estudantil o que muitas organizações dizem ser impossível.

**IR AO COMBATE SEM TEMER, OUSAR LUTAR, OUSAR VENCER!  
VIVA A REDE ESTUDANTIL CLASSISTA E COMBATIVA!  
VIVA O FÓRUM DE OPOSIÇÕES PELA BASE!  
VIVA A LUTA DO POVO!**

# A CONJUNTURA E AS TAREFAS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

*Março de 2016*

Esta apresentação foi realizada durante o “Seminário de Formação Política: Movimentos Sociais e Serviço Social”, proposto pelo Centro Acadêmico de Serviço Social da UFPI/THE, onde nós, do Comitê de Propaganda da Rede Estudantil Classista e Combativa compomos uma mesa sobre Movimento Estudantil (M.E.).

Nossa linha de raciocínio se forjou a partir do Levante dos Marginalizados de Junho de 2013 e suas consequências para o Movimento Estudantil, uma vez que aquele dado momento foi essencial para apontar uma renovação nas formas de luta e organização popular, assim como apresentar um sujeito social que até então pouco tinha se expressado.

Este novo setor, que chamaremos aqui de “classista-popular” não pode ser entendido se retirado de sua condição de existência. Condições estas, precárias: Dificuldades estruturais ou financeiras no seu local de estudo (escola/universidade), e trabalho (terceirizados, “autônomos” ou desempregados). Além disso, alia-se um setor-chave que interliga estes dois campos: A necessidade de um transporte público de qualidade, pois em sua esmagadora maioria, utilizam-se destes transportes para o deslocamento (casa-trabalho-escola/universidade).

Esta situação socioeconômica, por sua vez, produziu o espectro de compreensão política do setor classista-popular: Por nascerem ou crescerem no mandato Lula-Dilma/PT e perceberem que grande parcela desses problemas é causa direta da gestão neoliberal do Partido dos Trabalhadores, são antigovernistas.

O antigovernismo, porém, não refreia a crítica mais profunda: Os partidos reformistas (PSOL, PSTU, PCR, etc.) não atendem suas necessidades, e afirmam isso por compreenderem que a disputa política através do voto em pouco ou em nada muda a vida da população.

A partir dessa reflexão realizada na prática, a fração classista-popular não acredita na democracia burguesa, na política parlamentar e no voto.

Um dos motivos de serem combatidos por reacionários, governistas e reformistas é este: Eles recusavam a todos os modelos parlamentaristas.

## REPRESENTAÇÕES DO SETOR CLASSISTA-POPULAR EM JUNHO DE 2013

O setor reacionário (Empresas, patrões e políticos) logo criou uma interpretação para o fenômeno: Reuniram-se e decidiram “rachar” as manifestações. “Ordeiros e pacíficos” de um lado, “vândalos e desorganizados” de outro. Além disso, por vezes argumentaram que não possuíam capacidade/intenção política. Apenas porque compreendiam que ao longo das suas vidas, as promessas feitas por políticos profissionais nunca eram cumpridas, e que eles, além de financiados por empresários, governavam para empresários, e nunca para o povo e que só restava uma alternativa: A ação coletiva, autônoma, classista e de ação direta.

Essa imagem pregada pela reação (em especial, em suas mídias – tv, internet, jornais, etc) deu forças para que surgisse um campo “nacionalista/liberal” nas manifestações. Adotaram a divisão proposta pela reação, e, ao mesmo tempo em que se diziam “patriotas” e “defensores do Brasil”, defendiam privatizações, extermínio da ju-

ventude negra e pobre, e outras medidas e ações anti-povo. Apesar de se dizerem “sem partido”, defendiam alguns partidos políticos, como PSDB, DEM, PSC, etc.

Da mesma forma, o governismo (PT, PCdoB, PCO, etc.) também “comprou” essa ideia. Passou a reprimir violentamente as manifestações populares, e a combater com mais ênfase a esfera classista popular. A crítica ácida ao governo fez com que o governismo declarasse que trabalhadores e estudantes precarizados fossem “de direita”. Os colocaram no mesmo “campo” dos nacionalistas/liberais, pois assim se tornava mais fácil silenciar, e ao mesmo tempo massacrar o setor classista-popular.

O reformismo (PSOL/PSTU/PCR, etc.) também gerou sua interpretação do fenômeno social: Em um primeiro momento tentou disputar este campo, e, sendo rechaçado, passou a combatê-lo. A principal arma era declarar sua “incapacidade política”. Para eles, não disputar a democracia burguesa, desacreditar no voto e ter na força coletiva e popular a ferramenta de luta e organização é “não ter consciência política”. Uma tentativa suja e oportunista de tentar normatizar o real através do discurso. De silenciar o combate de quem sofre constantemente as contradições sociais, políticas e econômicas.

Já as organizações autônomas (antigovernistas e anti-reformistas) defenderam veementemente o setor classista-popular. Por compreenderem que o povo deve lutar e se organizar, viram nas manifestações de Junho de 2013 o embrião das novas forças políticas e sociais do país. Estavam certos: Em 2014, o Sindicato dos Garis do Rio de Janeiro tentou entregar a greve do setor para o governo. Os garis então enfrentaram a burocracia sindical e deram continuidade à greve: A maioria de suas reivindicações foi atendida. Da mesma forma, no final de 2015 e no início de 2016, estudantes em São Paulo, vendo a eminência da reorganização das escolas públicas, decidiram por ocupar seus locais de estudo de forma autônoma: Conseguiram barrar este golpe contra a educação feito pelo Estado de São Paulo. Estes e outros exemplos são “ecos” do setor classista-popular em Junho de 2013.

### O MOVIMENTO ESTUDANTIL PÓS-JUNHO DE 2013

Com o acirramento político em Junho de 2013, a conjuntura do Movimento Estudantil se modificou drasticamente, organizando ou desorganizando coletivos que atuam ou atuavam no ME.

A primeira modificação perceptível, porém não preocupante, foi o começo da organização do setor “nacionalista/liberal”. Através de grupos de estudo ou coletivos, atuam no movimento estudantil através de promoção de festas e de disputa, em alguns casos, de C.A.s e D.A.s. Suas intenções para estes espaços estudantis é tão somente transformá-los em “Empresas Jr.”, emitindo carteirinhas para geração de “caixa”.

O governismo (JPT, Levante Popular da Juventude, UJS, UNE, UBES, etc.), que já sofria duros golpes no desde o início do governo Lula, intensificados com o governo Dilma, foram aniquilados do Movimento Estudantil, e recentemente ganharam forças através da falsa polarização política brasileira, isto é, só conseguem arregimentar militantes através do slogan “Não Vai ter Golpe”.

O reformismo (ANEL, Reviravolta, RUA, UJR, AMES, etc.) bifurcou-se. De um lado, implodiu. A crítica das bases contra a cúpula, e o imobilismo/burocracia da última fizeram com que se desligassem da organização e por vezes, até mesmo do partido que a guiava. Do outro lado cresceu. Aglomerou em suas bases a juventude social-democrata, que acredita nas eleições e no voto, mas que combatem o governismo. Ou-

tra causa de seu crescimento está em uma das fraquezas do último setor que trataremos aqui.

O setor classista-popular manteve-se fiel as posições adotadas em junho de 2013. Continuou de forma autônoma e combativa a militar no Movimento Estudantil e com mais força, mesmo que de forma dispersa. Onde havia organizações estudantis que contemplassem essa forma de luta e organização, este campo passou a atuar e dedicar suas forças a estas. Onde não havia tais organizações, passaram a desenvolver coletivos, que em geral eram efêmeros e centrados em ações locais, ou, por se verem isolados, começaram a “colaborar” com o reformismo.

### **AS TAREFAS DO MOVIMENTO ESTUDANTIL**

O movimento estudantil precisa se organizar. Isso não é novidade; aliás, é uma necessidade histórica. Mas o que Junho de 2013 apontou com mais ênfase, é que não se pode, porém, organizar-se em qualquer tipo de coletivo. Cada um possui uma plataforma política, que desenvolve suas ações e táticas dentro do M.E.

É certo que as organizações governistas não representam os estudantes. É preciso ainda reconhecer que o reformismo não possui capacidade de apontar os rumos da ação dos estudantes. São limitados pelo programa que defendem, geralmente burocráticos e onde a decisão é tomada por uma cúpula, ou o seu total inverso: A falta de um programa e a desorganização coletiva, desligada da realidade dos estudantes.

Para o movimento estudantil voltar a ser uma ferramenta útil na luta, é preciso romper definitivamente com a reação, o governismo e o reformismo. É preciso reconhecer suas falhas e traições históricas, geralmente causadas por disputas que em nada contemplam os estudantes. É preciso perceber a necessidade de se construir um novo caminho no Movimento Estudantil. Um caminho de autonomia e combate permanente contra os inimigos dos estudantes e dos trabalhadores. Assumimos, através de alguns anos militando no M.E. piauiense, que este reconhecimento e caminho só podem avançar dentro de uma organização que tenha em seu programa a efetiva e sólida defesa do povo. Esta organização, ao nosso ver, é a Rede Estudantil Classista e Combativa, que no Piauí desenvolve suas atividades através de um Comitê de Propaganda até solidificar-se e enraizar-se no Estado. Convidamos a todos e todas os/as interessados/as a conhecer e debater sobre a RECC, para posteriormente construirmos coletivamente a organização.

**SEM PELEGUISMO, NEM TRAIÇÃO!**

**EDSON LUÍS VIVE E VENCERÁ!**

**ANTÔNIO DE PÁDUA COSTA, PRESENTE!**

**CONSTRUIR A REDE ESTUDANTIL CLASSISTA E COMBATIVA NO PIAUÍ!**

# A FALSA POLARIZAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O MOVIMENTO ESTUDANTIL

*Março de 2016*

Iniciamos 2016 com uma certeza: As eleições de 2014 não acabaram, assim como as de 2018 já começaram. Vemos nas ruas querelas pela presidência do país. Mas será somente isso? Acreditamos que não. O que está em disputa é, principalmente, os rumos da política econômica brasileira. Mas não se enganem: Não se trata de “socialismo” versus “capitalismo”, mas sim de uma disputa dentro do capitalismo. Concorramos que o país está dividido. Essa divisão, porém, não é de hoje: É uma divisão de classes, e que nada tem com a política burguesa.

## A PSICOLOGIA DO TERROR

Para defender seu posicionamento, cada fração política criou sua representação. Os governistas e suas bases (PT, PCdoB, PCO, JPT, LPJ, UJS, UNE, UBES, etc), apoiados pela elite nacional e internacional que vê com bons olhos a política econômica desenvolvida pelo PT desde 2003, acreditam que está em curso um golpe militar, embora que na realidade material, não exista sequer a possibilidade de isso ocorrer. A psicologia do terror governista utiliza-se de um jargão característico, com mensagens “embutidas” para angariar as massas na defesa da governabilidade. Crer que existe uma polarização política (esquerda-direita, socialismo-capitalismo) dentro da democracia burguesa é um erro.

Como expomos anteriormente, existe antes uma disputa intercapitalista. Crer no curso de um golpe militar é fechar os olhos para o mundo real; O governo federal tem a cada dia aumentado as verbas e o poderio armamentista do exército, assim como da Guarda Nacional, provavelmente para conter “opositores”. Crer em um “Estado democrático de direito” é esquecer-se das vítimas da política de expansão do agronegócio no campo e na floresta, é esquecer a ditadura militar nas favelas, é esquecer-se dos nossos companheiros de luta presos ou em processo de julgamento, é esquecer que nós, estudantes, sofremos duros golpes com o corte de verbas para a educação, é esquecer-se da Lei Antiterrorista, promulgada pelo governo Dilma contra os movimentos sociais, do Manual de Garantia da Lei e da Ordem, escrito a duas mãos pelo governo federal e pelo exército; é esquecer-se da Lei Geral da Copa, que garantiu os lucros de empresas estrangeiras e a permissão para dissolver mobilizações populares, e da Agenda Brasil, projeto que pretende avançar e facilitar a expansão do agronegócio, da mineração, das políticas energéticas, etc., contra camponeses, indígenas, ribeirinhos e quilombolas.

Por outro lado, a direita liberal, capitaneada pelo PSDB e apoiada pela elite nacional e internacional que deseja modificar a estrutura do capitalismo brasileiro, pede a renúncia de Dilma, utilizando-se de toda burocracia estatal para isso (a mesma burocracia que é utilizada pelo governo para incriminar e massacrar nossos companheiros e companheiras). Utilizam-se também de mensagens “embutidas”: “Contra a corrupção”, embora seus principais idealizadores estejam afogados na mesma lama onde se encontra o governismo.

Não trataremos de forma mais aprofundada o reformismo (PSOL, PSTU, PCR, etc) e suas bases estudantis (RUA, ANEL, UJR, etc) por terem direta ou indiretamente comprado o discurso governista, em especial o PSOL/RUA e PCR/UJR, compondo juntamente com parte significativa da burocracia estudantil e sindical – UJS, UNE, UBES,

CTB, Intersindical, CUT e outros - a “Frente do Povo Sem Medo”, buscando uma “(...) reforma democrática do sistema político(...)” ou, como o PSTU/ANEL, construírem uma possibilidade esquizofrênica de atuação política: Defendem o “Fora todos!”, acreditam que “o poder está nas mãos dos trabalhadores”, mas tendo como proposta central a convocação de novas eleições burguesas.

Da mesma forma, não nos aprofundaremos neste momento no debate sobre a direita conservadora por esta ser incipiente e não possuir capacidade de inserção em ambientes ou organizações populares com o discurso de “intervenção militar” ou “Bolsonaro Presidente”, existindo apenas virtualmente ou em pequenos grupos que só ganham projeção através da psicologia do terror governista.

### **AS CONSEQUÊNCIAS DA FALSA POLARIZAÇÃO NO M.E.**

Existem vantagens e desvantagens visíveis da falsa polarização no M.E. A vantagem, é que as contradições das organizações estudantis ficam visíveis e expostas. A subserviência dos seus programas à tutela dos seus respectivos partidos (reformistas e governistas) fica clara. Clara também é, por consequência, as debilidades e limitações dessas organizações estudantis. O que antes se fazia visível de dois em dois anos, durante o período das eleições burguesas, hoje está escancarado. A burocracia estudantil se importa em arregimentar militantes aos seus partidos e defendê-los, e não em lutar com os estudantes pelos seus interesses. Além disso, em caso de ataques ao governo, o debate retroage, silencia-se ou apoia o governismo. É válido lembrar: Esse posicionamento não é uma traição do programa dessas organizações, mas sim sua efetivação na prática.

A desvantagem é que a psicologia do terror ressuscitou o governismo nas universidades e escolas. A “defesa da democracia” imobilizou as constantes ações estudantis de questionamento do governo, principalmente em relação aos cortes na educação. A histeria coletiva produzida por bombardeios midiáticos de todas as espécies e suas interpretações colocaram a luta estudantil de lado e convenceu grande parte dos estudantes a lutarem pelo governo, embora que de forma camuflada.

### **NOSSO POSICIONAMENTO**

O Comitê de Propaganda da Rede Estudantil Classista e Combativa no Piauí, alinhando-se com as táticas, estratégias, política e programa da Rede, concorda que o campo classista-popular não tem porque defender a “democracia” ou o “Estado democrático de direito”. Entre um governo que aprova lei antiterrorista, encarcera militantes, precariza as condições de trabalho e estudo do povo através de retirada de direitos históricos e cortes bilionários na educação, uma “oposição de direita liberal” de classe média, outra direita, conservadora, que não dialoga com o povo, e uma “terceira via” que busca ascender na burocracia do Estado, preferimos continuar o trabalho de base, aliados de forma indissociável aos interesses das classes trabalhadoras, e combatendo constante e ininterruptamente os avanços da precarização do ensino no Brasil, desde o sucateamento das Universidades, até a implantação das Organizações Sociais (OSs) na educação pública municipal e estadual.

Convidamos ainda os companheiros e companheiras no Piauí, que partilham deste mesmo posicionamento, a entrarem em contato com nosso Comitê de Propaganda para somarmos forças no combate à reação, ao governismo e ao reformismo no movimento estudantil, fazendo dele, novamente, uma poderosa ferramenta de defesa e construção de direitos para nós, estudantes do povo.



# CONSTRUIR A GREVE GERAL DE ESTUDANTES NA UESPI!

*Abril de 2016*

## **Situação e estopim para a greve dos docentes e técnicos administrativos**

Desde seu início, a UESPI sofre com todos os governos do Estado. Atualmente, nas mãos do governo Wellington Dias (PT), os professores foram surpreendidos no dia 07 de Abril deste ano, com a aprovação de uma lei que congela o Plano de Cargos e Salários dos servidores públicos estaduais. Essa também é uma política adotada a nível nacional pelo governo Dilma (PT), fazendo parte de um pacote de medidas para o ajuste fiscal (PL 257/2016). O “golpe” contra estudantes e trabalhadores segue, já que nunca parou.

Essa medida também afeta diretamente os técnicos-administrativos da UESPI, que já trabalham em condições precárias, que por vezes impossibilitam até mesmo atendimentos simples. A situação dos T.A.'s já foi explicitada ainda esse ano, com uma greve da categoria, que reivindicava, entre outras coisas, o pagamento total de benefícios. Dessa forma, professores e técnicos administrativos acordaram, desde o dia 18 de Abril, em construir coletivamente o movimento grevista tendo por objetivo principal barrar a lei 6.772, e garantir modificações no Plano de Cargos e Salários.

## **E nós, estudantes?**

Nesse momento, nós pouco sofremos com a lei 6.772. Mas é preciso lembrar: A) Muitos de nós, em breve, comporemos o quadro de professores a nível municipal, estadual, federal, e nas particulares; B) Que este golpe, trabalhando conjuntamente com o ajuste fiscal do governo federal, será o primeiro de muitos, e não poderá passar de forma alguma. Esta é uma luta não só pelo presente, mas pelo nosso futuro; C) Que a UESPI não passa só por essa dificuldade.

Atualmente, sofremos com a precarização, com a falta de livros na biblioteca; falta de professores; salas em péssimas condições de uso; falta de autonomia estudantil para usufruir do espaço da Universidade, para realização de eventos ou reuniões; corte ou ausência de bolsas para monitoria, trabalho, PIBIC, PIBEU e PIBID; falta de Restaurante Universitário e Creche; precariedade de laboratórios, dentre outras.

É com esses problemas visíveis na Universidade, e com possibilidades reais de superarmos conjuntamente esses mesmo problemas, que acreditamos que para acelerar a vitória da greve e conseguir melhorias para nós, devemos o quanto antes realizar Assembleias Gerais de Estudantes em todos os campi da UESPI, para nelas debatermos as dificuldades de cada curso. A partir disso, formaremos Comitês de Greve por Curso (CGC), para construir com nossas bases uma greve estudantil com reivindicações próprias da categoria, garantindo assim autonomia frente às lutas do corpo docente, ao passo em damos apoio a suas mobilizações. Os CGC's têm por função mobilizar a participação de estudantes por curso nas Assembleias Gerais e dialogar localmente sobre os problemas que determinado curso enfrenta, para levar nas Assembleias e produzirmos uma lista de reivindicações sólidas e com representação ampla dos cursos. É na Assembleia Geral dos Estudantes que se debate e delibera decisões coletivas, devendo ser discutidas entre todos os presentes, e efetivada junto as bases dos cursos. Nas assembleias, a soberania de fala e de decisão deve estar totalmente nas mãos dos estudantes.

É preciso ainda garantir o afastamento de qualquer prática burocrática, e ter sempre como norte a ação direta como ferramenta de enfrentamento e garantia de vitórias, isto é, ter em mente que “abaixo-assinados”, “abraços coletivos na UESPI”, ou “contatos com deputados” em nada auxiliarão de forma efetiva na luta por melhorias da universidade, mas somente com ocupações, barricadas, manifestações de rua, etc., como vem ocorrendo em quase todas as universidades brasileiras.

### **Cuidados constantes contra o oportunismo!**

Depois que parte do teatro da falsa polarização (PT versus PM/SDB) se encerrou no domingo (17.04) com a aprovação de impeachment deliberado pela Câmara dos Deputados, o governismo (PT/PCdoB/UNE/UJS, etc), tentará, onde houver governos de “oposição”, conchamar suas bases para provocar “lutas” que nada mais são revanchismos com interesse em utilizar os movimentos sociais como blindagem na disputa entre a burguesia nacional (PT versus PM/SDB) e pressionar os partidos que se opõem a eles. A outra possibilidade mais provável para a realidade da greve na UESPI é que o governismo retraia e condene o movimento grevista, acusando-o de “compactuar com a direita” e “abalar as frágeis estruturas da democracia”. O motivo é claro: O governador do Estado é membro do Partido dos Trabalhadores. Essa “jogada” do governismo já foi muito usada em outros momentos não só na UESPI, e não pode ser levada a sério.

É preciso que os estudantes mantenham-se sempre alertas contra o oportunismo, pois o governismo tem desde o início do governo Lula-Dilma precarizado e sucateado a educação pública com medidas neoliberais como o FIES, e outros programas que beneficiam e financiam diretamente o setor educacional privado. É preciso lembrar ainda que o governo “de luta” pós-votação de impeachment é o mesmo que já tirou mais de 14 Bilhões de reais do orçamento para a educação, tendo como consequências o corte de 7000 bolsas da CAPES para mestrado e doutorado, além da falta de estrutura para a continuação de programas como o PIBID.

Por outro lado, uma fração do para-governismo (PSTU/ANEL), seguirá sua política cupulista fora das bases, como historicamente age em greves na educação, tomando decisões por fora das legítimas articulações estudantis em prol da própria organização. O movimento estudantil para eles serve somente como plataforma de propaganda e construção do Partido, reduzindo assim a ação dos estudantes. Essa política não é apontada somente por nós, mas por militantes do PSTU/ANEL que romperam com tais entidades.

Outra fração do para-governismo, representada pelo RUA/PSOL, buscará, como sempre, demonstrar “luta” em momentos como esse; uma luta que seguirá isolada pois assim como a ANEL/PSTU, as bases estudantis não reconhecem nem legitimam sua representatividade por serem claras as limitações da organização por conta da política reformista adotada pelo partido a qual pertence.

É válido lembrar, para se ter uma ideia, que ANEL/PSTU e RUA/PSOL uniram-se na greve de 2015 da UFC para desmontar a ocupação da reitoria desta instituição, fazendo o trabalho da polícia para amedrontar, desestabilizar e finalizar tal ação estudantil.

Foram, aliás, esses mesmos “cuidados constantes”, desenvolvidos a partir da experiência material de estudantes em greves passadas com essas frações do movimento estudantil, que possibilitaram a organização e a criação do Comitê de Propaganda da RECC no Piauí, originado da crítica ao modelo parlamentarista de todos eles.

**Seguir os exemplos dos secundaristas do Rio, São Paulo e Goiás!**

Os ataques à educação pública seguem também em outros Estados brasileiros. Em alguns destes, o destaque tem sido dado aos estudantes secundaristas, que com apoio popular e afastados das burocracias estudantis (UNE/UBES/AMES/UJS/Levante Popular/RUA/ANEL, etc) estão produzindo uma onda de ocupações articuladas a nível estadual, de forma autônoma, de ação direta e na defesa intransigente de uma educação pública e de qualidade. É este o posicionamento que nós, estudantes organizados no Comitê de Propaganda da Rede Estudantil Classista e Combativa no Piauí, defendemos antes, durante e depois da greve na UESPI: A independência de partidos, governos ou empresas, a participação e construção das e pelas bases. e o combate constante contra os inimigos dos estudantes e dos trabalhadores.

**TODO APOIO A GREVE DOS DOCENTES E TÉCNICOS DA UESPI!  
CONSTRUIR A GREVE GERAL ESTUDANTIL NA UESPI!  
PARA BARRAR A PRECARIZAÇÃO, GREVE GERAL NA EDUCAÇÃO!**

# **CONSTRUIR O MOVIMENTO ESTUDANTIL CLASSISTA E COMBATIVO NAS PARTICULARES!**

*Maio de 2016*

1. Desde os anos 90, e mais intensamente, nos governos Lula-Dilma/PT (2003/2016), cresceu o número de universidades particulares no país. Isto se deve, principalmente, aos pesados investimentos que o governo deu aos empresários donos de universidades particulares, com, por exemplo, a continuação do FIES, proposto por FHC e a criação do PROUNI, ao passo em que realiza medidas prejudiciais no setor público. Trata-se de um movimento coordenado: Ao invés de priorizar a melhoria do ensino médio, facilitando o acesso e permanência ao ensino universitário público, o governo optou por precarizar o setor público e subsidiar as pagas.

2. Assim, dada as péssimas qualidades do ensino médio público, e a desigual concorrência para o ENEM, trabalhadores e trabalhadoras na procura de pequenas melhorias salariais através de um curso superior, ou filhos da classe trabalhadora que buscam qualificação para o mercado de trabalho, ingressam nas universidades pagas, que recebem um número gigantesco de alunos, proporcional ao financiamento dado pelo Estado.

3. Estes investimentos, por sua vez, estão longe de terem correspondência com a qualidade estrutural e de ensino dessas universidades: Superlotação das salas de aula, bibliotecas desatualizadas, ausência de laboratórios de informática, precária estrutura física, etc.

4. Além desses problemas, as universidades pagas são marcadas por uma profunda inflexibilidade administrativa, onde reitores e diretores mandam e desmandam sem a mínima consulta do corpo estudantil, docente e demais funcionários, alterando horários, demitindo professores ou servidores, aumentam mensalidades e criam taxas financeiras para a burocracia interna, tais como provas de segunda chamada, emissão de documentos comprobatórios, e outros.

5. Assim, ao passo em que explora ao máximo os docentes e demais trabalhadores, desfigura o papel crítico e reflexivo que a educação pode trazer à sociedade e aos locais de estudo, adotando assim, nas universidades pagas, um modelo fabril de ensino, onde a diplomação no final do curso é a única coisa que importa.

6. Apesar de tais necessidades, vários setores do movimento estudantil nada fazem pelos estudantes das pagas, levantando suposições sem base alguma na realidade material, indicando, por exemplo, que “todos” são filhos da classe média que não tiveram capacidade de passar nas públicas, e que não sofrem as contradições sociais vividas “pelo povo”.

7. Quando estes setores fazem algo para o Movimento Estudantil das pagas, é apenas para aplicarem a política que adotam nas universidades públicas: O parlamentarismo estudantil, isto é, usar o ME como “treinamento” ou “plataforma” para serem futuros vereadores, deputados, etc. Outra consequência do parlamentarismo estudantil é a busca por ganhar eleições de Centros e Diretórios Acadêmicos a qualquer custo, onde somente nos períodos de eleição para tais instâncias, seus militantes aparecem, e declaram que vão “defender os estudantes”.

8. Existem duas principais frações do ME que utilizam o parlamentarismo estudantil: A) O Governismo, que recebe esse nome por servir de correia de transmissão das decisões do governo com o movimento estudantil, representado pela UNE/PCdoB-

PT, Levante Popular da Juventude/PT-PCdoB, UJS/PCdoB, e outras; B) O Para-governismo, que apesar de ser anti-governista, utiliza as táticas do governismo para um dia ascender ao governo, representado pela ANEL/PSTU, RUA/PSOL, UJR/PCR, e outras.

9. A prática desses grupos é marcada por traições e alianças duvidosas com diversos setores que massacram os estudantes, e por isso, os estudantes das pagas devem ter muito cuidado ao lidar com tais organizações, que só querem eleger seus candidatos usando da luta do povo para isso.

10. Em outro extremo, longe das disputas oportunistas no ME para eleger vereadores, deputados, governadores, senadores e presidentes, estamos nós, da Rede Estudantil Classista e Combativa (RECC). A RECC nasce em 2009, fruto da crítica aos setores governistas e para-governistas, e vem se consolidando nacionalmente desde então, forjando uma nova tradição no movimento estudantil, marcada pelo anti-governismo, o anti-reformismo, o classismo, a democracia de base, a efetiva aliança entre trabalhadores e estudantes, e a ação direta como forma de enfrentamento e modificação da realidade.

11. No Piauí, a RECC está em processo de organização, e atua como Comitê de Propaganda (CP), que tem por função realizar atividades de agitação e propaganda junto ao movimento estudantil, assim como aglutinar em torno de si os mais sinceros e ativos estudantes que desejam agir de forma coletiva, que não compactuam com o governismo, o para-governismo, e desejam construir outra forma de fazer movimento estudantil.

13. Nós, do CP da RECC no Piauí, defendemos que os estudantes são uma fração da classe trabalhadora. E por isso, acreditamos que é fundamental auxiliar e desenvolver a luta dos estudantes das universidades particulares através de coletivos de curso e oposições por local de estudo. Assim, pela via da ação direta e do classismo, os estudantes das pagas conseguirão vitórias e experiências para as lutas futuras, sem traições nem oportunismos.

14. Nós, estudantes, desde o ensino fundamental ao universitário, sofremos em coletivo com o avanço do neoliberalismo e a situação extremamente precária na educação brasileira. Apesar dos pontos em comum, em nossos locais de estudo, possuímos demandas específicas. Indicamos algumas bandeiras de luta pontuais e correspondentes da necessidade imediata dos estudantes universitários das pagas, e que defendemos de forma intransigente diante de embates com governos e empresas:

- *Por assistência estudantil financiada pela própria universidade!*
- *Pela redução das abusivas mensalidades!*
- *Pela melhoria qualitativa e estrutural da universidade!*
- *Pelo fim do autoritarismo administrativo de reitorias e diretorias!*
- *Pela aliança classista e combativa entre trabalhadores e estudantes, com auto-nomia de partidos, governos, empresas, e construído pela base!*

**ORGANIZAR A LUTA DO POVO FORA DO OPORTUNISMO!  
CONSTRUIR A REDE ESTUDANTIL CLASSISTA E COMBATIVA NO PIAUÍ!**

# O QUE MUDA NO MOVIMENTO ESTUDANTIL COM TEMER NA PRESIDÊNCIA?

*Junho de 2016*

1. Desde o início do processo de impeachment já havíamos avaliado mudanças na dinâmica de frações do movimento estudantil brasileiro (“A falsa polarização e as suas consequências para o movimento estudantil” e “Construir a Greve Geral de estudantes na UESPI”, textos disponíveis em nosso site) que se cumpriu com a aprovação do pedido de impedimento do governo Dilma/PT e a posse do governo Temer/PMDB. Seu governo pouco difere dos planos do governo Dilma, como demonstra o comparativo das plataformas econômicas nas quais ambos se apoiam: Dilma, na Agenda Brasil, e Temer, na Ponte para o Futuro. As duas plataformas defendem a dinamização da economia brasileira objetivando lucros, propondo cortes na saúde, educação, modificações das leis trabalhistas, fim do licenciamento ambiental para empresas nacionais e estrangeiras, assim como a retirada de territórios indígenas, pescadores, camponeses e de outras comunidades tradicionais para o agronegócio/construção civil.

2. Diante desse quadro, o governismo<sup>1</sup> (PT/PCdoB/UNE/UBES/LPJ/UJS/etc) tenta voltar às suas bases, com grande resistência, e adota um duplo discurso: De que está sendo alvo “da direita”, e que é “radical”. Para fomentar o primeiro, aponta o 'golpe' que o Governo Dilma sofreu, embora até pouco tempo atrás tenha feito conchavos com os setores 'golpistas', e mesmo em meio 'ao golpe', por exemplo, manteve-se ao lado da ministra Kátia Abreu, baronesa do agronegócio brasileiro. Dando corpo ao segundo, convoca suas bases para realizarem atos, “ocupações”, oficinas de cartazes e pichações convocando uma “revolução já”. É peculiar que utilizem o símbolo do anarquismo nessas intervenções, como na UFPI de Teresina, para atrair os setores desorganizados, mas ultracombativos, para a defesa do governismo, “contra o golpe” e “contra a Globo”, ações estas aprovadas em reunião para se efetivarem em todos os estados e municípios do país, como aponta a circular n° 09 do Partido dos Trabalhadores<sup>2</sup>.

3. No meio das disputas, uma fração do para-governismo/reformismo<sup>3</sup> (PSOL/RUA; UJR/PCR) demonstra o que são de verdade: Meras linhas auxiliares do governismo, prontos para defendê-los ao mínimo de 'perigo' notado. Não só em ação, mas em seus respectivos veículos de comunicação, são publicadas diretrizes de atuação de seus militantes, e em ambos, o slogan “Fora Temer” se faz presente, assim como um tímido combate aos cortes, feito na crença de que sem Michel Temer (e com eleições gerais), os cortes cessarão.

4. Outra fração do para-governismo/reformismo (ANEL/PSTU) anula a ação do povo fora do parlamentarismo, exigindo “fora todos”, com um discurso profundamente anti-governista, mas sem capacidade de extrapolar a democracia burguesa, acreditando que o problema se resolveria com “eleições gerais”. Mas isso não ocorre ao acaso.

<sup>1</sup> Governismo é um termo que define as organizações que se vinculam e defendem a plataforma e as táticas do governo na militância sindical, estudantil e popular. É um termo que pode entrar em desuso, dada a “nova” conjuntura da democracia burguesa no país, em caso do processo de impeachment seja de fato efetivado.

<sup>2</sup> Para-governismo é um termo que define as organizações que não se vinculam ao governo, mas que usam de suas táticas na militância sindical, estudantil e popular. O termo também entrará em desuso pelos mesmos motivos.

<sup>3</sup> Circular N° 9 – Frente Brasil Popular – Orientações para os estados contra o golpe. <[www.pt.org.br/wp-content/uploads/2016/03/Circular-09.pdf](http://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2016/03/Circular-09.pdf)>

5. É importante perceber que os setores para-governistas, principalmente ANEL/PSTU e RUA/PSOL agora convocam suas militâncias para a defesa de eleições gerais. O objetivo é claro: Colocar seus candidatos à presidência no poder, usando, mais uma vez, o movimento estudantil como trampolim da política parlamentar da democracia burguesa.

6. Enquanto o debate da falsa polarização ganha força no movimento estudantil, cooptando os mais ingênuos, e dando prosseguimento às inacabadas eleições presidenciais de 2014, nosso real inimigo segue intocado: O ajuste fiscal, um conjunto de ações que tem por finalidade 'salvar a economia brasileira'. Mas é preciso lembrar: Para salvar a economia brasileira, é preciso sacrificar trabalhadores e estudantes. Isso já é visível desde o governo Lula-Dilma/PT, com a modificação de leis trabalhistas, reforma da previdência, privatização do SUS via EBSEH e do ensino via Organizações Sociais (OSs), com os cortes de aproximadamente 15 Bilhões de reais na educação, e decretando em seu último dia de mandato, o fim da bolsa-permanência nas universidades, aumento de 237,5% na prestação do Minha Casa Minha Vida para a faixa que engloba as pessoas mais pobres no programa, a oficialização da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, que dizimará indígenas da região, como já vem dizimando, e a aprovação da Lei Geral das Olimpíadas, que servirá para perseguir manifestantes no período da competição, como ocorreu com a Lei Geral da Copa, apoiada com o Manual da Garantia da Lei e da Ordem, feita pelo governo federal e exército, e que se estabeleceu com a Lei Antiterrorista.

7. O ajuste segue com o governo Temer, que promete dar continuidade ao projeto de ajuste iniciado no governo Dilma, aplicando-o na educação, na saúde e nos direitos laborais. Ambos trabalharam e trabalham para o reaquecimento da economia nacional, assim como qualquer outro que esteja na presidência. Estão juntos também na articulação de um pacto interpartidário e nacional para salvar parlamentares de diversos partidos políticos.

8. A tarefa dos que sabem que não é trocando de presidentes que se barra os cortes é seguir combatendo os inimigos do povo, pela via classista, combativa e pela base, longe de "pactos" com partidos, governos e empresas, organizando a luta dos estudantes secundaristas, técnicos e universitários, de públicas e particulares, sem oportunismos nem traições.

9. Nós do Comitê de Propaganda da RECC no Piauí não oferecemos nada além da luta sincera. Não prometemos lugares no governo, nem verbas de desvio financeiro de carteirinhas. O nosso caminho é, talvez, o mais difícil a se seguir da atual conjuntura no Movimento Estudantil, mas é o único que não se vende, atado na plataforma de partidos eleitoreiros, e nem faz acordos espúrios que traem os estudantes e trabalhadores.

# **UFPI-PARNAÍBA - POR UM COLETIVO DE CURSO NA PSICOLOGIA!**

*Agosto de 2016*

01. Em 2016 o curso de psicologia da UFPI em Parnaíba completa 10 anos de sua fundação. Mas, entre avanços e retrocessos, o que há para comemorar? A nível federal, o governo Dilma/PT havia cortado mais de 15 bilhões da educação em 2015. Mostrando que os políticos são todos farinha do mesmo saco, o governo Temer, em 2016, promete arrancar 45% das verbas para a educação. Isso significa continuar a precariedade do ensino público dos governos anteriores. Ou seja, menos bolsas, menos programas de pesquisa e extensão e menos chances dos filhos dos trabalhadores continuarem na universidade que cada vez mais só permite a permanência dos ricos.

02. Em Parnaíba a burocracia e o autoritarismo de parte dos professores impede o avanço das pautas estudantis na UFPI, nos deixando limitados a decisões que sempre vem de cima, e devem ser obedecidas embaixo. Nessa situação, o movimento estudantil do curso de psicologia fica dividido de três formas: A. apatia, acreditando que tudo se resume ao Centro Acadêmico; B. aos debates meramente eleitoreiros, como “Fora Temer” e “Fica Dilma”, puxados pela UJS/UNE; e C. o setor combativo, disposto a mudança fora dessas duas linhas, mas que ainda se encontra desorganizado. Precisamos lembrar do passado de luta do curso para fazer um presente combativo.

03. Em 2011, estudantes de psicologia decretaram paralisação estudantil para arrancar uma educação de qualidade no curso, sem professores, testes psicológicos e até mobília para a clínica. Com a adesão dos cursos de fisioterapia, pedagogia, turismo e biologia à greve, o confronto direto com a reitoria se intensificou, o que permitiu que as reivindicações fossem atendidas.

04. A luta dos estudantes do curso nos mostra que mesmo em tempos difíceis, é possível mudar. E para que isso aconteça é preciso se organizar para lutar, e pressionar reitoria, diretoria e coordenação de curso para que nossos problemas sejam resolvidos. A transformação da UFPI em Universidade Federal do Delta (UFD) e sua “abertura” para o diálogo não significa que seremos ouvidos ou mesmo que esse diálogo seja feito de igual para igual.

05. Não devemos esquecer nunca o caráter classista dessas lutas. Ser classista é ser solidário aos outros cursos e principalmente aos trabalhadores e trabalhadoras, dentro e fora da universidade, em suas lutas por boas condições de trabalho. Essa luta classista não pode nutrir nenhuma ilusão com candidatos, eleições, partidos ou governos: Deve ser feita pelas mãos dos estudantes, sem intermediários.

06. Diante disso, chamamos a todos os estudantes do curso de psicologia da UFPI de Parnaíba, interessados em construir uma militância sincera para formar um coletivo de curso, fora das burocracias, sem defender políticos, partidos ou governos, lutando de forma independente por uma educação de qualidade, ao lado dos trabalhadores e trabalhadoras.

**POR UM MOVIMENTO ESTUDANTIL CLASSISTA E COMBATIVO!  
CONSTRUIR O COLETIVO DE CURSO DA PSICOLOGIA!**



# **PORQUE NÃO PARTICIPAREMOS DA "ESCOLA DE FORMAÇÃO POLÍTICA" EM PARNAÍBA**

*Outubro de 2016*

Temos a constante preocupação de mostrar os passos políticos que damos. Por isso achamos conveniente explicar os motivos de não participarmos da "Escola de Formação Política", composta por uma "frente ampla de movimentos e organizações políticas" em Parnaíba.

## **Uma "formação política" a serviço do atraso, e feita pelo atraso:**

Sua primeira reunião aconteceu dia 15.10 na UFPI. E como havíamos previsto, a "frente ampla" era hegemonicamente formada por, principalmente, membros de três partidos: PT, PCdoB e PSOL, e suas "juventudes", como a UJS (União Juventude Socialista, do PCdoB) e a UNE (Presidida a mais de duas décadas pela UJS).

Os dois primeiros partidos e suas organizações de juventude possuem um histórico grande de traições e sabotagens da luta do povo, no movimento estudantil, sindical, e no popular/de bairro. Foram eles que congelaram as lutas no país desde que o governo Lula assumiu em 2003. O último partido citado (PSOL) caminha desde a sua fundação, e cada vez mais, para o mesmo fim. Por conta disso, não há possibilidade de "unidade" com a socialdemocracia.

A socialdemocracia arrasta o povo para a ilusão da política parlamentar. Arrasta para a utopia de que nossa maior arma é o voto. Arrasta para o oportunismo. Arrasta para o erro. Todos têm a sua ação limitada ao que seus partidos defendem. E se algum presidente, governador ou prefeito é do mesmo partido, ou aliado não se pode falar nada contra ele. Por terem o mesmo pensamento (as eleições, o fortalecimento de seus partidos, etc) sempre vão realizar esse tipo de aliança. E combater quem se coloque diretamente contra eles.

## **Nosso posicionamento:**

Rejeitamos toda política inconsequente. Nossa palavra é escrita com fogo na realidade. Para nós o caminho certo é a luta fora dos partidos, políticos e governos. Fora das burocracias sindicais e estudantis. Fora da ilusão do voto. Nenhum governo é, foi, ou será por nós.

É com esses princípios básicos que buscaremos organizar todas as pessoas mais sinceras e dispostas à luta em um fórum articulado permanentemente. Esse fórum será formado por trabalhadores, trabalhadoras, estudantes secundaristas e universitários independentes. Terá por função defender os direitos do povo, contra qualquer político ou governo que venha a atacar nossas conquistas, assim como avançar na construção de melhores condições de vida para todos e todas.

**IR AO COMBATE SEM TEMER, OUSAR LUTAR, OUSAR VENCER!  
POR UM MOVIMENTO ESTUDANTIL A SERVIÇO DA CAUSA DO POVO,  
COMBATIVO E INDEPENDENTE!**

# **CONSTRUIR UM COLETIVO DE CURSO NA HISTÓRIA/UESPI-PARNAÍBA!**

*Novembro de 2016*

O curso de História desde sua gênese sente a política de precarização da educação promovida por governos e políticos. Aos alunos, sempre foram oferecidas as salas menos estruturadas do campus, onde por vezes, não contavam com iluminação, carteiras ou ventilação adequada. Sofremos ainda com a falta de bolsas para garantir a permanência dos filhos dos trabalhadores, a ausência de uma boa biblioteca, e a falta de professores, um dos principais problemas do curso.

Apesar de todos os problemas atuais, é preciso recordar que até pouco tempo, nossa situação era muito pior. O que garantiu as relativas melhorias do curso (e do campus) em Parnaíba não foram acordos com diretorias ou reitorias, muito menos a participação de políticos oportunistas: Foi a ação direta estudantil. Quando os estudantes tomaram para si a responsabilidade de alterar a realidade das suas vidas, avançaram. Garantiram assim, através do movimento #SOSUESPI, salas de melhor qualidade, abertura da biblioteca, bolsas de estudo, dentre outras conquistas.

Atualmente, em um momento crítico da sociedade brasileira, onde a falsa polarização (Dilma x Temer), oculta o avanço do Ajuste Fiscal, através das medidas do Governo Federal (Temer/PMDB) e Estadual (Wellington Dias/PT), é necessário que os estudantes de História aprendam com o passado de lutas do curso. Foram essas lutas que garantiram inúmeras melhorias através da ação direta, como nas atividades do #SOSUESPI, das greves, paralisações e protestos de rua controlados por estudantes e tendo no curso de História uma referência de combate autônomo em todo o campus.

Nossa dúvida já não é se os estudantes de História possuem capacidade de mudar as coisas. A experiência passada nos mostra que não só é possível, mas que aconteceu na prática. Nos preocupamos hoje em avaliar se os estudantes são capazes de se organizarem de forma permanente. Infelizmente, o cenário do curso atualmente é a divisão entre os estudantes, por inúmeros motivos: Desde problemas com professores, ou entre si. Essa luta interna só nos enfraquece, e dificulta a unidade na luta que tanto precisamos. Apesar disso, acreditamos que um coletivo de curso, organizado horizontalmente, fora dos oportunismos eleitoreiros, da tutela institucional, socialdemocrata, e reacionária, trabalhando em defesa de estudantes e trabalhadores, reacenderá a tradição combativa do curso de História na UESPI, garantindo a manutenção e avanço da luta pelo que é nosso por direito.

**CONSTRUIR UM COLETIVO DE CURSO NA HISTÓRIA-UESPI/PHB!  
LUTAR PARA ESTUDAR, ESTUDAR PARA LUTAR!  
IR AO COMBATE SEM TEMER! OUSAR LUTAR, OUSAR VENCER!**

# **HÁ VIDA E LUTA ALÉM DAS ELEIÇÕES AO D.A. DA UFPI/PHB**

*Dezembro de 2016*

## **AS ELEIÇÕES E O CAMPO DE FORÇAS POLÍTICAS**

Encerrou-se ontem o processo de eleição ao DCE da UFPI de Parnaíba. O programa das chapas apresentava poucas diferenças nas propostas. Apesar disso, representavam uma polarização que não surgiu nas eleições, e não se dissipará com ela. De um lado, a continuidade do Coletivo Resistência, que apesar de ter tido função significativa na promoção de assembleias, define ao longo do processo. Do outro lado, a chapa do bloco da reação, composta como continuidade do Coletivo UFPI Livre, formado por liberais, conservadores, tendo como apoiadores, membros de partidos, professores e diretoria.

## **OS RESULTADOS E A ANÁLISE MATERIAL DA SITUAÇÃO**

Poderíamos dizer que o que se deu foi a vitória de um projeto político sobre o outro, mas não foi. Na realidade, demonstrou com mais ênfase a descrença que os alunos da UFPI mantêm com o Diretório Acadêmico. Isso fez das eleições uma disputa de quem possuía mais amigos, como em uma eleição de "presidente de sala". Isso fica explícito com os números da eleição: Em uma universidade com 5.000 alunos, aproximadamente 800 votaram. Assim, um erro gigantesco e imperdoável é colocar a culpa de uma derrota eletiva sob os ombros dos estudantes, e não realizar uma autocrítica dos métodos utilizados no Movimento Estudantil para criar e solidificar a ação das bases.

## **SUPERAR O PARLAMENTARISMO ESTUDANTIL E GARANTIR AS LUTAS**

Chamamos de Parlamentarismo Estudantil um dos resultados da crise organizacional e estrutural do Movimento Estudantil brasileiro. Essa crise produz método imposto pelas entidades estudantis ligadas aos partidos políticos que consideram a vitória em Grêmios, C.A.s e D.C.E.s como prioritária entre os discentes. Reproduzem assim, os mesmos métodos que os partidos usam para chegar ao poder nas eleições.

Esse é um método comum dentro do Movimento Estudantil brasileiro, sendo por vezes visto como natural, e por isso usado até mesmo por quem se considera independente (como em muitos casos na UFPI de Parnaíba, e em todo o Brasil). Mas ele não é natural. É o resultado do esforço dos partidos e de suas organizações estudantis em reduzir a ação dos estudantes aos seus interesses. Por isso, dizemos que superar o parlamentarismo estudantil é uma das chaves para fazer uma luta permanente e verdadeiramente independente por uma Universidade melhor.

## **SEGUIR NA LUTA, COM ORGANIZAÇÃO, CLASSISMO E COMBATIVIDADE**

O Comitê de Propaganda da RECC reconhece a importância do processo de disputa para Centros e Diretórios acadêmicos, mas não se ilude, acreditando que esta é a principal e única via para resolver as reivindicações estudantis. Essa ilusão é pregada pelo Parlamentarismo Estudantil. A construção de coletivos de curso e oposições aos DAs e DCEs é o caminho que a RECC mostra desde sua fundação, e que traçamos também, para o Piauí. Na nossa experiência, foi visto que esses coletivos mantinham a base

dos cursos unida e em luta. Já as oposições aos D.As e D.C.Es aumentavam nossas reivindicações, sendo formada por estudantes de diversos cursos de uma Universidade.

Esse é o caminho mais difícil dentro do Movimento Estudantil, mas hoje é o que se mostra como o mais correto. O resultado das eleições não pode ser motivo de frustração ou desistências: Este comunicado é também um convite. Nossa organização está constantemente aberta ao diálogo entre os lutadores sinceros e independentes, que desejam ingressar em nossas fileiras e construir conosco um novo movimento estudantil, que resgate suas tradições de luta, compromisso e dedicação com estudantes e trabalhadores. Um permanente e firme trabalho de base vem sendo realizado por todos nós, desde que nos propomos a construir a RECC no Piauí, e seguiremos assim, com coerência e unidade, sempre.

*"O Segredo da vitória é o povo" - Carlos Marighella.*

**CONSTRUIR COLETIVOS DE CURSO E UMA OPOSIÇÃO AO D.A. DA UFPI/PHB!  
TODO PODER AOS ESTUDANTES!**

# APRESENTAÇÃO

*A Luta Estudantil, Ano I, n. 01. Mar/Mai de 2016*

É com prazer que trazemos aos estudantes secundaristas e universitários a primeira edição d'A Luta Estudantil, o boletim do Comitê de Propaganda da Rede Estudantil Classista e Combativa (RECC) no Piauí, filiada ao Fórum de Oposições pela Base (FOB).

Um caminho longo foi feito para se chegar onde estamos; em meio a crítica e autocrítica no Movimento Estudantil piauiense, assim como a experiência dentro da "Pátria Educadora", marcada pela precarização e descaso com a educação pública por parte dos governos municipal, estadual e federal, e com frequentes traições das organizações que deveriam defender os setores estudantis, decidimos por construir a RECC, compreendendo que esta é, no momento atual, a organização mais comprometida com a causa dos estudantes e a serviço dos trabalhadores e trabalhadoras.

Não é por acaso que afirmamos isto. Desde o Levante dos Marginalizados, em Junho de 2013, percebemos que tem crescido entre os estudantes a vontade de transformar suas respectivas realidades na educação, através da ação direta coletiva. E o que impede tal transformação? Acreditamos que a burocracia do parlamentarismo estudantil afasta e compromete a luta independente e classista do movimento estudantil.

O oportunismo destes setores podem ser vistos em duas perspectivas: A) O governismo, isto é, as facções estudantis que defendem o governo Lula-Dilma/PT, representados por UNE, UBES, UJS, UJR e Levante Popular da Juventude, e B) O reformismo, isto é, as facções estudantis que acreditam que por meio da farsa eleitoral é possível "reformular" o Capitalismo e o Estado, representados por Reviravolta/ANEL/PSTU, UJC/PCB e RUA/PSOL.

Convidamos a todos e todas os/as estudantes do povo, cansados da precariedade estrutural de escolas e universidades, das dificuldades do acesso e da permanência no ensino superior, que desejam romper com o governismo e com o reformismo para consolidar um combate independente e permanente contra os inimigos da educação, a construir coletivamente a Rede Estudantil Classista e Combativa no Piauí!

## O QUE É A RECC?

*A Luta Estudantil, Ano I, n. 01. Mar/Mai de 2016*

A Rede Estudantil Classista e Combativa é uma corrente nacional do Movimento Estudantil. Guiada pela intransigente defesa do antigovernismo e do antirreformismo, organiza-se de forma autônoma frente aos partidos políticos, baseada na democracia de base, classismo e na ação direta, compreendendo o Movimento Estudantil como um fração da classe trabalhadora.

A organização não possui um recorte teórico-ideológico, ou seja, não se reivindica “comunista” ou “anarquista”; isto ocorre com o objetivo de ter em si, independentemente do posicionamento político de seus participantes, indivíduos que sejam comprometidos com a luta estudantil-popular e que partilhem dos pressupostos desta corrente do Movimento Estudantil.

Para ingressar na RECC, é necessário passar por um processo de formação política, objetivando esclarecer se o candidato tem clareza dos princípios, do programa, das táticas de ação e do posicionamento político da organização. No Piauí, a RECC manifesta-se através de seu Comitê de Propaganda (CP), que além de receber e distribuir o Jornal Avante!, realiza atividades culturais e de formação política, assim como disponibiliza seu boletim, A Luta Estudantil entre os estudantes secundaristas e universitários.

A participação no CP não exige um comprometimento mais sólido com a organização, desde que não se oponham aos posicionamentos táticos e organizativos defendidos pela RECC.

**CONTRA A PRECARIZAÇÃO,  
GREVE GERAL NA EDUCAÇÃO!**



# O QUE É O FOB?

*A Luta Estudantil, Ano I, n. 01. Mar/Mai de 2016*

O Fórum de Oposições pela Base (FOB) é uma entidade que agrega em seu seio ramos dos movimentos estudantil, sindical e popular.

Após a crítica baseada em anos de luta dentro desses campos, foram notadas duas correntes que freiam a luta popular e vendem os interesses do povo a organizações burocráticas; estas correntes são A) a do governismo, (organizações que defendem as políticas do governo Dilma/PT) representados pela burocracia sindical da CUT, e no movimento estudantil, UNE, UBES, UJS, JPT e Levante Popular da Juventude UJR/PCR; e B) a do reformismo, (que não apoiam as medidas do governo Dilma/PT, mas propõem “soluções” ao governismo limitadas dentro da democracia burguesa e da farsa eleitoral), caracterizado no desenvolvimento da CSP-CONLUTAS e no movimento estudantil, da ANEL/PSTU e do Reviravolta, assim como RUA/PSOL.

Dentro dessa análise, o FOB partilha da premissa de que a Greve Geral é a arma mais poderosa de trabalhadores e estudantes. Outra distinção do FOB e dos setores governistas e reformistas é o seu modo de organização e ação. O FOB organiza-se pela base, isto é, não existe uma pessoa “no topo” da organização que dá as ordens para quem está em baixo; são os debaixo que organizam-se coletivamente para modificar suas próprias realidades.

Além disso, o FOB admite a ação direta como forma de luta, ou seja, ele compreende que não é através de gabinetes e reuniões secretas com políticos que conseguiremos vitórias; é somente pela luta, pela ocupação das ruas, escolas e fábricas que venceremos.

A Rede Estudantil Classista e Combativa, por adotar postura semelhante dentro do Movimento Estudantil, aderiu ao Fórum de Oposições pela Base desde sua fundação, o que lhe colocou mais ainda a serviço das classes trabalhadoras.

**VIVA O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO!  
CONSTRUIR A GREVE GERAL!**



**Fórum de Oposições pela Base**

# NÃO VOTE, LUTE!

*A Luta Estudantil, Ano I, n.02. Jul/Set de 2016*

Mais um ano de eleição e já começam as propagandas eleitorais. Promessas aqui, compra de votos ali, mentiras e mais mentiras. A democracia burguesa, sistema onde os ricos e poderosos decidem a vida dos pobres e trabalhadores, sobrevive assim. Precisa iludir o povo dizendo que eles é que decidem. Mas não é. É quem tem mais dinheiro, quem faz mais promessas mentirosas, quem mais engana. Isso já não convence a gente.

Nossa organização sempre defendeu que as eleições não mudam nada, e que só o povo organizado contra seus inimigos pode vencer. Não nos aliamos com político nenhum e nunca nos aliaremos. Os políticos usam das nossas lutas e das nossas vidas para ganharem eleições. Só querem um lugar no governo para conseguirem dinheiro. Sempre traíram o povo, e agora não vai ser diferente.

É pensando nisso que convidamos estudantes, trabalhadoras e trabalhadores para se juntarem ao comitê da campanha Não Vote, Lute! A campanha existe para denunciar a mentira que são as eleições. E além disso, organizar a nossa luta por casa, salário, escolas melhores, saúde, transporte e tantas outras coisas longe dos oportunistas, que usam nossas necessidades para se elegerem. Nem PT, nem PSDB, nem PSOL, nem PSTU, nem nenhum outro vai garantir nossos direitos. Só a nossa luta organizada muda a vida.

No Piauí a campanha existe em Teresina e em Parnaíba, e une trabalhadores, trabalhadoras e estudantes dispostos a denunciarem essa mentira que são as eleições, e se organizar para lutar por direitos. Nacionalmente, a campanha tem um site ([www.cnvl-br.blogspot.com/](http://www.cnvl-br.blogspot.com/)) e no Piauí tem uma página no Facebook ([www.facebook.com/cnvl.pi](http://www.facebook.com/cnvl.pi)). Curtam, leiam, compartilhem, participem e colaborem com as atividades da Campanha Não Vote, Lute!

**ELEIÇÃO É FARSA, NÃO MUDA NADA NÃO!  
O POVO ORGANIZADO VAI FAZER REVOLUÇÃO!  
NÃO VOTE, LUTE!**





# AS LIÇÕES DA GREVE NA UESPI

*A Luta Estudantil, Ano I, n.02. Jul/Set de 2016*

A greve na UESPI terminou e poucas conquistas foram obtidas. Demos nosso posicionamento em um comunicado (Construir a Greve Geral de Estudantes na UESPI), mostrando que sem uma greve de estudantes coordenada por um fórum de alunos, espalhado por todo Piauí, a greve dos professores pouco caminharia. Além disso, sem essa organização, nossos problemas seriam jogados para segundo plano, e nossas forças usadas para defender unicamente a greve e as reivindicações dos professores.

Durante a greve, os estudantes demonstraram constantemente poder de enfrentamento pela ação direta. Houveram ocupações parciais do Palácio de Karnak e da Assembleia Legislativa do Estado, contando sempre com forte repressão da polícia.

Isso mostra nossa capacidade política de lutar para transformar a realidade e nossa disposição para desafiar os inimigos da educação no Piauí. Mas isso não basta. Precisamos nos organizar para que nossas reivindicações não fiquem dependentes do movimento dos professores, e assim possamos garantir que nossas exigências sejam atendidas.

O Comitê de Propaganda da Rede Estudantil Classista e Combativa acredita que já é tempo de fundarmos coletivos de cursos e oposições por local de estudo na UESPI. Isso mantém a autonomia e combatividade do Movimento Estudantil, livre de "parcerias" com partidos, empresas e governos. Esses coletivos garantirão a participação das bases estudantis nas greves, e manterão uma real aliança entre estudantes e trabalhadores (professores e servidores), independentes entre si, e solidários na luta de um e de outro por uma educação pública voltada para o povo.

Pelas péssimas condições da UESPI é possível que outra onda de manifestações surja em breve, e então, precisamos estar preparados para organizar todos os estudantes e combater os oportunistas que sempre usam a luta como trampolim para as eleições.

**FORMAR COLETIVOS DE CURSO NA UESPI!  
IR AO COMBATE SEM TEMER! OUSAR LUTA, OUSAR VENCER!**

# **PELA REFORMA DO CEEP EM PARNAÍBA!**

*A Luta Estudantil, Ano I, n.02. Jul/Set de 2016*

Desde o ano de 2014 o prédio do CEEP, em Parnaíba, está em reforma. A maioria dos alunos não sabem a razão da reforma. Um dos supostos motivos é que a instalação elétrica e o teto foram reprovados em uma inspeção de fiscalização.

Começa então o suplício dos estudantes: No primeiro semestre de 2015, foram divididos entre a Escola Roland Jacob, e o Polivalente (CEMTI). No segundo semestre daquele ano, todas as turmas permaneceram no Roland Jacob. Em 2016, foram transferidos para a Escola Joaz Rabelo, no Bairro Rodoviária.

Essa constante mudança dificultou muito a vida dos alunos. As turmas do curso técnico são aprovadas sem aulas práticas por falta de laboratórios. O teste seletivo de ingresso na Escola foi cancelado, sem a entrada de novos alunos. Além disso, a localização afastada dificulta a permanência dos antigos alunos, causando muitas desistências. Muitos de nós vão ao colégio de van, e com a passagem muito cara para filhos de trabalhadores e trabalhadoras que somos, muitos não conseguem ir assistir as aulas.

A medida que as promessas da direção aumentavam, nossa paciência diminuía. Foi então que no dia 09 de Junho, durante a passagem da tocha em Parnaíba que os estudantes fizeram a primeira ação direta pela reforma do CEEP. Na inauguração de uma quadra na Gerência Regional de Educação (GRE), e com a presença do Governador Wellington Dias (PT), os alunos fizeram uma manifestação e bloquearam a saída do Governador, contando com o apoio da população da região. A manifestação do CEEP foi decisiva para abrir dois campos na luta estudantil em Parnaíba. Enquanto mais tarde naquele dia, alguns estudantes da UFPI se uniram para um ato "Fora Temer", e pela volta da presidenta Dilma, os alunos do CEEP mostraram que já sabem que com Dilma ou sem Dilma, o ensino público sofrerá ataques.

A manifestação não garantiu a retomada da reforma no CEEP, mas mostrou que independente de governo, só a luta consegue arrancar dos poderosos os nossos direitos, não pelo voto ou por abaixo-assinados. Por isso é importante que os estudantes do CEEP compreendam a importância da organização, e montem um Fórum Estudantil Permanente. Esse Fórum precisa ser independente da direção do colégio, onde as decisões são tomadas pelos estudantes. Exigir a reforma do CEEP é combater as várias medidas do governo para cortar gastos, o conhecido "ajuste fiscal", iniciado no governo Dilma, e continuado no governo Temer.

Nós do Comitê de Propaganda da RECC damos todo apoio aos estudantes do CEEP em suas lutas pelos seus direitos, fora das burocracias estudantis e sem cair nas armadilhas dos inimigos dos estudantes.

**TODO APOIO AOS ESTUDANTES DO CEEP!  
SÓ A LUTA MUDA!**

# **52 ANOS DO GOLPE CIVIL-MILITAR CONTRA O POVO BRASILEIRO**

*Abril de 2016*

Há 52 anos, civis e militares alinhados com o imperialismo estadunidense deram início a um dos períodos mais tenebrosos da história recente de nosso país: A ditadura civil militar. Durante seu regime, não foram poucos os estudantes e trabalhadores que se opuseram aos militares e ao imperialismo, através da luta classista e combativa, objetivando uma transformação radical da sociedade. Muitos tombaram em combate, e hoje nos inspiram a continuar na luta intransigente pela causa do povo.

52 anos depois, militantes são presos e torturados, indígenas, camponeses, quilombolas e ribeirinhos são mortos para a expansão da política energética, de minérios e do agronegócio, a educação sofre duros cortes de verba, é aprovada a Lei Antiterrorista, que limita e esmaga os movimentos populares, como um espelho do Manual da Garantia da Lei e da Ordem, escrito pelo exército e aprovado pelo governo federal.

O governismo (PT, PCdoB, PCO, etc), desesperado dentro da disputa dos blocos capitalistas no Brasil, diz que está sofrendo um golpe. O reformismo (PSOL, PSTU, PCR), ou defendem indiretamente o governismo, ou apontam suas contradições, sem sair do âmbito do legalismo e da democracia burguesa. A reação vem avançando juridicamente contra o governo, mas com pouco ou nenhum respaldo do povo.

Nós, ao contrário, apontamos que é preciso aprofundar a crítica ao governismo, ao reformismo e a reação, criar e potencializar organizações classistas e de ação direta, para conquistar direitos estudantis e populares, construindo um novo amanhã para todos os oprimidos.

**PARA QUE A LUTA DOS HEROIS DO POVO NÃO TENHA SIDO EM VÃO!  
ORGANIZAR O POVO CONTRA O GOVERNISMO, O REFORMISMO E A REAÇÃO!  
COMBATER SEM TREGUA OS INIMIGOS DO POVO!**

# COMO PARTICIPAR DO COMITÊ DE PROPAGANDA DA RECC NO PIAUÍ?

*Maio de 2016*

1. A RECC é uma corrente do Movimento Estudantil surgida em 2009 pela crítica do movimento estudantil brasileiro, marcado pelo burocratismo e tutela dos partidos políticos, que fazem do ME um acessório no contexto da luta de classes. Esses grupos se dividem entre governistas (UNE, UBES, JPT, Levante Popular da Juventude, UJS, etc), controlados pelo PT/PCdoB, e os para-governistas (RUA/PSOL, ANEL/PSTU, UJR/PCR, etc). O governismo e o para-governismo utilizam a mesma tática no ME: O parlamentarismo estudantil, onde o objetivo de toda militância é ganhar eleições de C.A.s e D.C.E.s, e onde a luta dos estudantes serve como trampolim para as disputas desses aparelhos, reproduzindo a lógica de atuação dos seus respectivos partidos.

2. No Piauí, a RECC se articula em torno de um Comitê de Propaganda (CP), que difunde seus materiais, como o jornal "Avante!" e produz um boletim próprio, "A Luta Estudantil". Realiza também formações políticas, tendo como objetivo organizar os estudantes fora das burocracias estudantis e longe do parlamentarismo estudantil, pela via combativa da ação direta. É válido lembrar que a RECC não faz recorte ideológico (não é "anarquista" ou "marxista"), religioso, étnico ou de gênero, mas aglutina os mais sinceros lutadores do povo em torno de princípios básicos: 1. Ação direta; 2. Anti-governismo; 3. Anti-reformismo; 4. Democracia de base; 5. Autonomia frente partidos, governos e empresas; 6. Classismo.

3. Concordando inicialmente com estes princípios, o companheiro ou companheira que deseja militar em nossas fileiras, solicita ingresso para o CP, e a partir disso, são realizados alguns debates para apontar mais profundamente a política de ação e organização da Rede. Concordando totalmente com os textos, estando disposto/a a defender o posicionamento do CP/RECC-PI, desde aspectos teóricos, até a prática de agitação, propaganda e organização, o companheiro ou companheira será bem-vindo/a para construir uma nova forma de fazer movimento estudantil no Brasil.

**POR UM M.E. COM INDEPENDÊNCIA DE GOVERNOS, PARTIDOS E EMPRESAS,  
CONSTRUÍDO PELA BASE E DE AÇÃO DIRETA:  
CONSTRUIR A REDE ESTUDANTIL CLASSISTA E COMBATIVA NO PIAUÍ!**

## **NOTA DO CP/RECC-PI de Teresina**

*Setembro de 2016*

Vimos a público informar o uso indevido do nome de nossas organizações: Rede Estudantil Classista e Combativa (RECC) e o Fórum de Oposições pela Base (FOB) no evento criado pela CSP-Conlutas intitulado "Fora Temer - Fora todos os Corruptos e Reacionários do Congresso".

O intuito é evitar confusões sobre a nossa organização, prevenir equívocos que possam acontecer futuramente, e declaramos que não participamos da construção do ato por entendermos que o parlamento burguês não é o caminho para a mobilização da luta do povo, e sim sua organização fora dessas ilusões, como eleições e democracia burguesa, rumo a Greve Geral.

**CONTRA O AJUSTE FISCAL, CONSTRUIR A GREVE GERAL!  
CONTRA A PRECARIZAÇÃO, OCUPAÇÃO!  
NÃO VOTE, LUTE!**

# 10 RAZÕES PARA INGRESSAR NA RECC

*Novembro de 2016*

1. A RECC não faz alianças com grupos que de tempos em tempos, traem os estudantes em troca de votos, cargos ou verbas. Isso aponta para nosso comprometimento sagrado com a luta de estudantes e trabalhadores, e nos mantemos assim desde nossa fundação.

2. A RECC não tem ligação com nenhuma empresa, partido ou político eleito. Isso garante que as nossas lutas não serão usadas como trampolim para os oportunistas.

3. A RECC esteve e sempre estará a serviço dos estudantes e dos trabalhadores. Isso mostra a firmeza de nossos princípios e das nossas práticas, que não variam de acordo com quem está no poder.

4. Na RECC, não existem decisões tomadas de cima para baixo; tudo é decidido de forma horizontal, em reuniões e assembleias. Isso garante que todos(as) sejam tratados como iguais, e tenham poder de decisão nas ações da organização.

5. A RECC não recebe dinheiro de empresas, partidos ou políticos nenhum. Isso garante que a nossa luta seja autônoma e sincera, pois sabemos que quando os poderosos dão dinheiro ao movimento estudantil, não se trata de generosidade, e sim de investimento. Quem paga a banda, escolhe a música.

6. A RECC se esforça para que seus militantes tenham sempre uma boa formação política. Constroem coletivamente análises da realidade de onde vivem, dos problemas que passam, e tiram dessas análises formas de luta. Assim todos da organização sabem, juntos: Aonde ir, o que fazer, e como fazer.

7. Para participar da RECC, não existem barreiras em relação à ideologia política, religião, sexo, identidade de gênero, raça ou nacionalidade. Isso garante nosso pluralismo, construído através da unidade com nossos princípios.

8. A RECC não tolera machismo, racismo, xenofobia, LGBTfobia e outros preconceitos nutridos pelos ricos para dividir o povo. Afastamos assim a possibilidade de que nossa organização entre em contradição contra o que luta, e garantimos o ingresso de qualquer um que deseje lutar coletivamente contra esses e outros problemas sociais.

9. A RECC mantém unidade tática. Isso significa que em todos os núcleos espalhados pelo Brasil, sempre dentro dos nossos princípios, nossa forma de luta e os nossos inimigos são os mesmos.

10. Na RECC estão os(as) mais dispostos(as) lutadores(as) do povo. Nossas energias estão voltadas para que em cada local de estudo, trabalho e moradia, possamos garantir e reivindicar direitos para trabalhadores(as) e estudantes.

\* \* \* \* \*

**INGRESSE NA REDE ESTUDANTIL CLASSISTA E COMBATIVA!**

# **05 PASSOS PARA CONSTRUIR UM COMITÊ DE PROPAGANDA DA RECC NO SEU LOCAL DE ESTUDO OU CIDADE**

*Novembro de 2016*

01. Esteja consciente da importância da decisão que está tomando. Consideramos o combate pela causa do povo como tarefa permanente e indispensável, exigindo assim responsabilidades, disciplina e disposição de todos(as) que pretendem construir um Comitê de Propaganda da RECC (CP/RECC).

02. Após esse necessário exame de consciência individual e coletiva, sugerimos o contato com a Coordenação Nacional da RECC, através do seu e-mail: [www.redemecc@gmail.com](mailto:www.redemecc@gmail.com). Por esse canal de comunicação, e após encontros presenciais, garantindo a compreensão e aceitação dos princípios, teorias e métodos de análise e transformação da realidade, o CP pode então funcionar.

03. Alinhados com os princípios de nossa organização, os Comitês de Propaganda da RECC tem a liberdade de construir atividades de formação política, como ciclos de debate, cines, assim como criação de páginas, sites, materiais de propaganda para a especificidade local, e da mesma forma, distribuir os materiais da RECC aprovados nacionalmente, como as cartilhas, boletins, comunicados, e o jornal Avante!

04. A Rede Estudantil Classista e Combativa não responde pelas atividades e materiais de propaganda produzidos pelos Comitês de Propaganda, devido ao fato de que, enquanto CP, os membros não compõem as instâncias de decisão e ação nacional da RECC. Apesar disso, nossos militantes estarão sempre dispostos a colaborar na solução de dúvidas, assim como na participação de atividades propostas pelos Comitês de Propaganda.

05. Um Comitê de Propaganda da RECC tem sobrevivência temporária. Isso porque, seu objetivo final é a construção de Coletivos de Curso e Oposições por Local de Estudo. Ao longo do tempo, com a consolidação destes dois canais de luta e organização do movimento estudantil, o comitê de propaganda torna-se obsoleto e a militância volta-se então para, efetivamente, dedicar esforços na manutenção e ação destes espaços, formando assim, definitivamente, um núcleo orgânico da RECC.

**IR AO COMBATE SEM TEMER! OUSAR LUTAR, OUSAR VENCER!  
CONSTRUIR A RECC NO PIAUÍ!**

*“O ano de 2017 se aproxima, e junto dele, o avanço cada vez mais violento do Ajuste Fiscal, tanto a nível federal pelas mãos do governo Temer/PMDB (uma continuidade das políticas de austeridade do governo Dilma/PT), e a nível estadual, através do governo Wellington Dias/PT. Sabemos que a batalha no campo da luta de classes seguirá continuamente, e por isso, continuaremos nossa missão de organizar as bases de forma independente, fazendo no Movimento Estudantil o que muitas organizações dizem ser impossível”.*

*Comitê de Propaganda da RECC no Piauí*



[www.cprecc-pi.blogspot.com](http://www.cprecc-pi.blogspot.com) | [www.fb.com/cprecc.pi](http://www.fb.com/cprecc.pi)  
[www.avanterecc.wordpress.com](http://www.avanterecc.wordpress.com)  
[www.lutafob.wordpress.com](http://www.lutafob.wordpress.com) | [www.fb.com/lutafob](http://www.fb.com/lutafob)